

A REPRESENTAÇÃO EM HPSG DO CLÍTICO 'SE' INCOATIVO DO ESPANHOL NA INTERLÍNGUA DE FALANTES DE INGLÊS E DE PORTUGUÊS BRASILEIRO: EVIDÊNCIAS DA TEORIA DE GRAMÁTICAS MÚLTIPLAS¹

por Raquel Fellet Lawall* (UFJF)**

ABSTRACT

This study is part of a doctoral dissertation which seeks to relate a second language representational theory (L2) – Multiple Grammar Theory (Amaral & Roeper, 2014) – and a lexicalist descriptive model - HPSG (Pollard & Sag, 1987). It focuses on the similarities and differences in morphosyntactic processing of the clitic “se” in Spanish as an inchoative marker '*La puerta se abrió*' (The door opened) in the advanced interlanguage of adult speakers of English and Brazilian Portuguese as a first language. A psycholinguistic experiment indicated sensitivity in processing to the use of clitics and to the typology close/far from Spanish.

KEYWORDS: Acquisition of Spanish as a second language (L2); Experimental Psycholinguistics; Multiple Grammars; Linguistics Typology; HPSG.

RESUMO

Este estudo é parte de uma tese de doutorado e busca estabelecer um diálogo entre uma teoria de representação para segunda língua (L2) - Teoria de Gramáticas Múltiplas (Amaral & Roeper, 2014) – a um modelo descrito lexicalista - a HPSG (Pollard & Sag, 1987). Focalizam-se as similaridades e diferenças no processamento morfossintático do clítico “se” em espanhol marcador incoativo '*La puerta se abrió*' (A porta se abriu), na interlíngua avançada de falantes adultos de inglês e de português brasileiro como primeira língua. Um experimento psicolinguístico indicou um processamento sensível ao uso dos clíticos e à tipologia próxima/distante do espanhol.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição de espanhol como segunda língua (L2); Psicolinguística Experimental; Gramáticas Múltiplas; Tipologia Linguística; HPSG.

* raquellawall@yahoo.com.br

** Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

1. Este trabalho reporta e discute achados da tese de doutorado da autora, defendida em março de 2015, no POSLING/UFJF, sob a orientação de Marcus Maia (UFJF) e coorientação de Luiz Amaral (UMass).

1. INTRODUÇÃO

É do consenso popular afirmar que espanhol e português são línguas próximas entre si, seja seguindo um critério de parentesco histórico e genético, em que ambas são classificadas como línguas neolatinas, ou românicas, enquanto que o inglês é mais distante sendo identificado como língua anglo-saxã, germânica, seja analisando suas propriedades morfossintáticas, bastantes similares em alguns domínios entre o espanhol e o português, em relação ao inglês. Um exemplo de uma característica morfossintática equivalente entre o espanhol e o português, que difere do inglês, pode-se observar na questão da concordância de gênero gramatical em um sintagma nominal formado por determinante, nome e adjetivo. Enquanto as duas línguas românicas possuem gênero gramatical no determinante modificador e no adjetivo, o inglês não demonstra marcação visível desse elemento nem no determinante, nem no adjetivo que o acompanha, como ilustrado no exemplo (1):

1. a. La chica rubia (Espanhol)
b. A garota loira (Português)
aFEM.SG. garotaFEM.SG. loiraFEM.SG.

Na tradução do sintagma nominal de (1a) e (1b) para o inglês *The blond girl*, tanto o determinante ‘*The*’, quanto o adjetivo ‘*blond*’ encontram-se sub-especificados para o gênero.

O exemplo (1) serve para ilustrar um tipo de propriedade morfossintática que aproxima espanhol e português e os distancia em relação ao inglês, não sendo o foco do presente artigo. Pretendemos analisar as similaridades e diferenças no processamento linguístico do espanhol como segunda língua (L2)¹, na interlíngua avançada de falantes adultos de inglês e de português brasileiro (PB), evidenciando uma manifestação do pronome clítico “se” em espanhol com valor incoativo, através de um experimento psicolinguístico.

O uso do pronome clítico ‘se’ em espanhol que será analisado neste artigo participa da chamada alternância causativa/incoativa, uma variação de transitividade de alguns verbos, que geralmente envolve mudança de estado, como exemplificado em (2) e (3):

2. a. O menino quebrou a janela. (transitiva/ causativa)
b. The boy broke the window.
c. El niño rompió la ventana.
3. a. A janela quebrou. (intransitiva/incoativa/anticausativa)
b. The window broke.

Observando o exemplo (3) que traz as contrapartes incoativas das frases transitivas do exemplo (2), é possível constatar que algumas variantes do PB² e o inglês não apresentam diferenças morfológicas

1. O termo segunda língua/L2 se refere a qualquer língua aprendida após a língua materna/L1.

2. Os dados dos falantes de PB (L1) reportados no presente trabalho, foram coletados em Minas Gerais, estado que mostra uma alta incidência de perda generalizada do uso do clítico ‘se’ incoativo, assim como outros usos do ‘se’. Ver D’Albuquerque (1982) para uma comparação entre o PB padrão e os dialetos de Minas Gerais em relação à perda dos clíticos reflexivos, bem como Ribeiro (2010) que também demonstra o fato através de um experimento.

entre as duas formas do verbo, o que é denominado padrão lábil (*labile*, cf. Haspelmath, 1993). Em outras variantes do português, como o europeu (4a), e em espanhol (4b), a contraparte incoativa é marcada pelo pronome reflexivo clítico ‘se’:

4. a. A janela partiu-se.
- b. La ventana se rompió.

A codificação da alternância causativa através da morfologia verbal, com morfemas preenchidos ou zero, varia entre as línguas, embora a composição semântica pareça ser relativamente uniforme entre elas, sendo a forma transitiva do exemplo (2) associada ao significado de causa (CAUSE), ou seja, um agente ‘O menino’ casou a ação de ‘quebrar’ ‘a janela’, e a contraparte intransitiva relacionada ao significado de tornar-se (BECOME), ‘A janela’ se tornou quebrada, omitindo-se o agente que provocou tal ação (Levin & Rappaport Hovav, 1995; Montrul, 1999; Hale & Keyser, 1993, 2002; Marantz, 1997; Harley, 2006). Dada a configuração sintática heterogênea dos verbos inacusativos, o aprendiz de uma L2 tem de descobrir quais são as restrições sintático-semânticas na alternância causativa da língua que está aprendendo.

Neste artigo serão observadas as diferenças no processamento do clítico ‘se’ incoativo em espanhol como L1 e L2, por falantes de inglês e de PB, a partir de um experimento psicolinguístico de julgamento de aceitabilidade com *input* auditivo em contextos de verbos com e sem o ‘se’ incoativo. No comportamento morfossintático do espanhol no uso do clítico ‘se’, em relação ao PB e ao inglês nota-se que a língua espanhola mostra uma presença produtiva desse elemento em verbos causativos que possuem uma contraparte intransitiva. Já em PB, o clítico ‘se’ existe, porém, sua frequência está condicionada a algumas variantes do português, não sendo muito utilizado no dialeto mineiro da cidade de Juiz de Fora, onde se aplicaram os experimentos relatados neste estudo. Em inglês, não há a presença de qualquer elemento morfológico que marque a noção de incoatividade.

Trabalhamos com a hipótese de que há diferenças entre as gramáticas de espanhol como L2 – do português e do inglês como L1 – sensíveis à questão da tipologia linguística, quando comparadas à gramática nativa de espanhol, fato que influencia a habilidade de os falantes de L2 modificarem a configuração de uma dada regra/traço em sua interlíngua.

Partindo-se dessa hipótese de trabalho, utilizamos alguns pressupostos teóricos formalistas: no estudo de representação de segundas línguas, nos valem da Teoria de Gramáticas Múltiplas (Amaral & Roper, 2014); como modelo descritivo das estruturas analisadas, recorreremos à Teoria de *Head-Driven Phrase Structure Grammar* – HPSG (Pollard & Sag, 1987); como ferramenta de testagem, utilizamos a técnica de Julgamento de Aceitabilidade, bastante explorada pela psicolinguística experimental.

Buscamos como objetivos gerais:

- a. Investigar o papel da tipologia linguística no processo de aprendizagem do espanhol como L2, sob o prisma da Teoria de Gramáticas Múltiplas;
- b. Descrever formalmente a relação entre as formas lexicais e as construções licenciadas por elas, do clítico ‘se’ incoativo, utilizando o modelo descritivo lexicalista HPSG.

Como objetivos específicos pretendemos verificar se há diferença no nível de opcionalidade na aplicação de regras no processamento não-nativo do clítico ‘se’ incoativo, comparando-se os falantes de espanhol como L1 e como L2, já que apresentam L1 distintas (português e inglês).

O artigo se divide da seguinte maneira: na seção 2, apresentamos o Modelo de Representação e o Modelo de descrição HPSG, pontuando sua relevância para este trabalho. Na seção 3, descrevemos a alternância causativa/incoativa em espanhol, português brasileiro e inglês, relatamos os estudos anteriores que investigaram as causativas em contextos relevantes para os propósitos deste estudo, e propomos uma análise do uso incoativo do ‘se’, seguindo o modelo descritivo lexicalista HPSG. Na seção 4, apresentamos o Experimento de Julgamento de Aceitabilidade Auditiva com o ‘se’ incoativo. A seção 5 é dedicada à conclusão.

2. PRESSUPOSTOS FORMALISTAS NA REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICA EM L2 E NA DESCRIÇÃO GRAMATICAL

Esta seção se propõe a apresentar os pressupostos teóricos norteadores deste artigo no que se refere ao estudo da representação de L2, a partir da Teoria de Gramáticas Múltiplas, e à adoção do modelo de descrição gramatical lexicalista da HPSG, como mecanismos de análise e caracterização das similaridades e diferenças no processamento morfossintático do clítico ‘se’ incoativo no espanhol como L1 e na interlíngua dos falantes de PB e de inglês.

2.1 Modelo de Representação Linguística: a Teoria de Gramáticas Múltiplas

Este modelo teórico de representação linguística e de aquisição da linguagem surge a partir das ideias de Roeper (1999) em sua tentativa de explicar o processo infantil de aquisição de linguagem, analisado como uma jornada complexa em que a criança, em contato com o *input* da língua aprendida, tem de lidar com uma série de propriedades linguísticas: umas produtivas, outras idiossincráticas e confinadas a contextos mais marcados, sendo o mapeamento dessa informação efetuado através da geração de subgramáticas (produtivas ou idiossincráticas para uma propriedade), que coexistiriam nas gramáticas de adultos monolíngues. Partindo dessa ideia, Roeper afirma que a criança possui um certo tipo de *Bilinguismo Universal*, já que uma gramática de uma L1 pode ter elementos que formam subgramáticas com propriedades compatíveis com uma L2, L3, Ln.

Buscando expandir a concepção de bilinguismo universal da Teoria de Gramáticas Múltiplas (GM) para o campo de aquisição de segunda língua, Amaral & Roeper (2014) propõem um mecanismo formal descritivo da Interlíngua³, baseado em algumas ideias do gerativismo minimalista (Chomsky, 1995), que se fundamenta a partir de dois pressupostos principais. O primeiro adota a concepção minimalista de que as propriedades de uma gramática são simples (*avoid complex rules*) e não comportam opcionalidade, isto é, todas as línguas naturais são capazes de criar tipos de traços/regras paralelos, mesmo que tenham propriedades conflitantes entre si, sendo a tarefa do falante em processo de aquisição daquela língua decidir quais dessas propriedades seriam mais produtivas e quais seriam mais idiossincráticas, isto é, limitadas a uma determinada classe ou a um único item lexical. Como as

3. O conceito de Interlíngua foi proposto originalmente por Selinker (1972) representando o sistema linguístico do aprendiz de uma L2.

regras são simples e não comportam opcionalidade, as opções se configuram então na possibilidade de haver duas regras distintas para se descrever um traço. O segundo pressuposto defende que as diferenças entre as línguas estão na produtividade de cada regra dentro dessa língua, definida a partir da abrangência lexical das categorias existentes na regra. Assim, a definição das características de uma Lx se efetua a partir da observação de quais seriam as propriedades mais produtivas e passíveis de serem aplicadas ao maior número de contextos de usos dessa língua, definindo-se assim os seus traços/regras mais proeminentes. A noção de produtividade é mapeada através da grande ocorrência de uma propriedade em uma dada língua, como quando se observam os usos do clítico ‘se’ incoativo em português brasileiro em diferentes contextos, no exemplo (5):

5. a. O vaso quebrou.
- b. O anel era vidro e se quebrou.
- c. O computador se quebrou.

No exemplo (5a), o clítico ‘se’ não está presente por ser esse o padrão produtivo de uso de algumas variantes do PB. Já (5b) seria um caso de uma propriedade idiossincrática, lexicalizada no PB, que engloba o uso do ‘se’ em expressões cristalizadas, idiomáticas; já a ocorrência do clítico em (5c) poderia causar um maior estranhamento nessa frase, por não ser a regra produtiva de uso para sentenças incoativas na maioria das variantes do PB.

Pensando nas concepções defendidas por Amaral & Roeper (2014), como se explicaria então o processo de aquisição da linguagem seguindo a perspectiva da GM?

Para os autores, o processo de aquisição da linguagem, seja de uma L1 ou de uma L2, na perspectiva da GM, seria compreendido como a habilidade de classificar subtipos de propriedades em elementos produtivos ou idiossincráticos em uma dada língua. Na aquisição monolíngue infantil, a criança em contato com o *input*, que recebe, irá classificar os subtipos de propriedades em produtivos e idiossincráticos e irá desenvolver mecanismos para acessar suas subgramáticas múltiplas, ajustando-as aos mais variados e distintos contextos de uso de sua língua materna. Pensando na tradição gerativista, o LAD (*Language Acquisition Device*), ou mecanismo de aquisição de língua, fornece à criança uma MDG (*Minimal Default Grammar*), uma gramática mínima que vai se moldando em resposta ao estímulo que recebe no percurso da aquisição.

Apesar de o processo de aquisição de uma L2 compreender o mapeamento de subtipos de propriedades em produtividade e idiossincrasia, sendo a tarefa próxima à da aquisição infantil, a aquisição adulta de uma segunda língua torna-se mais complexa, se pensarmos que várias subgramáticas já estão pré-definidas e pré-classificadas pela língua materna. Dessa forma, os aprendizes de uma L2 desempenham duas ações complementares no processo de aquisição. Primeiro, necessitam adicionar novos traços/regras ao seu repertório gramatical, para lidar com as propriedades linguísticas não existentes em seu conhecimento gramatical. Segundo, eles têm de reavaliar a produtividade das regras já existentes, baseando-se no *input* vindo da L2. Essa segunda parte se converte em um desafio, já que a revalidação acerca da produtividade é dependente da língua analisada e o *input* fornecido de qualquer língua é, por sua natureza, ambíguo e, muitas vezes, pouco informativo.

Além de ter como dois pressupostos a ideia de que as regras da gramática do falante de uma dada língua são simples e de que as diferenças entre as línguas estão na produtividade de cada propriedade em uma subgramática dessa língua, Amaral & Roeper (2014) seguem os passos da Hipótese de Transferência Total/Acesso Total (*Full Transfer/Full Access Hypothesis*, de Schwartz & Sprouse, 1996), ao defenderem que, como qualquer língua natural, a interlíngua é regida pela Gramática Universal, isto é, o aprendiz de uma L2 irá se valer de propriedades, categorias, ou traços que sejam consistentes com o repertório disponível para descrever as línguas humanas. Seguindo a ideia de transferência total, delimitam que o estado inicial da aquisição de uma L2 é o estado estável da L1, o que significa que todas as propriedades da L1 estão disponíveis para o aprendiz de uma L2 em processo de aquisição, constituindo o ponto de partida de sua interlíngua. Analisando a natureza da interlíngua, os autores afirmam que essa é um sistema de representação linguística, que se desenvolve a partir da reestruturação de suas propriedades, construída junto com a L1, e moldada pelo mapeamento de propriedades da língua-alvo. Outra concepção central defendida por Amaral & Roeper é a noção de opcionalidade, definida por Truscott (2006) como a existência simultânea de uma única gramática de um falante com duas ou mais propriedades, onde cada uma delas normalmente excluiria a presença da outra. Para ilustrar a definição de opcionalidade, pensemos a questão da incoatividade em PB, uma propriedade dessa língua que pode apresentar-se em duas formas, ou opções distintas de expressão, uma produtiva, e sem marca morfológica, ‘A porta abriu’, e outra mais idiossincrática e com o clítico ‘se’, como em ‘A porta se abriu’.

A noção de gramáticas múltiplas é uma abstração teórica de como se organiza o conhecimento adquirido pelos falantes de uma dada língua em seu processo de aquisição. Uma possibilidade de se propor um mecanismo descritivo, que explicita a relação entre as formas lexicais e as construções licenciadas por elas e demonstre as propriedades das regras múltiplas com traços produtivos e idiossincráticos, é idealizada a partir do modelo de descrição gramatical da HPSG, que será analisado adiante.

2.2 Modelo de descrição lexicalista: a HPSG

Partindo das ideias defendidas por Amaral & Roeper (2014) na Teoria de Gramáticas Múltiplas, o processo de aquisição de uma L2 se efetua pelo mapeamento acerca da produtividade e idiossincrasia de uma dada propriedade ou traço gramatical de uma língua. Para que esse processo seja melhor compreendido e ilustrado, é necessário formalizar o conceito de produtividade/idiossincrasia de regras/traços e explicitar formalmente a interação entre regras sintáticas e léxico, duas noções básicas para uma teoria que assume ter uma base minimalista. Assim, se imaginamos que toda variação linguística está no léxico, sua relação com a sintaxe deve ser formalmente descrita e uma forma de fazê-lo é utilizando o modelo descritivo de base lexicalista da *Head-Driven Phrase Structure Grammar*, ou HPSG (Pollard & Sag, 1987). Esse modelo é interessante, para os propósitos deste trabalho, pois proporciona uma visualização clara não apenas dos traços envolvidos no processo de aquisição dos usos do ‘se’ analisados neste trabalho, como também da formalização do conceito de “gramáticas múltiplas”, definindo melhor o que se compreende por ‘gramática’ (ou subgramáticas).

O modelo de descrição gramatical da HPSG concebe língua como um sistema de tipos de objetos linguísticos com diferentes níveis de abstração, cujas gramáticas são formadas por um conjunto de restrições a objetos linguísticos descritos, que podem ser de natureza atômica (dativo, masculino, singular, etc) ou complexos (definidos a partir de seus traços e valores). A forma mais transparente de

representar as estruturas de traços em todos os domínios linguísticos (sintaxe, semântica, discurso, etc) se configura através de matrizes de atributo-valor (AVM – *attribute value matrix*). Cada AVM descreve um objeto (tipificado e hierárquico) existente na língua, por meio de sua estrutura de traços. O Léxico em HPSG é formado a partir de lexemas dispostos em uma hierarquia (verbais, nominais, etc) e composto por regras lexicais de dois tipos, que visam a reduzir a redundância de informações armazenadas: flexionais (formas verbais, nominais, etc) e derivacionais (modificam classes de palavras com novos morfemas).

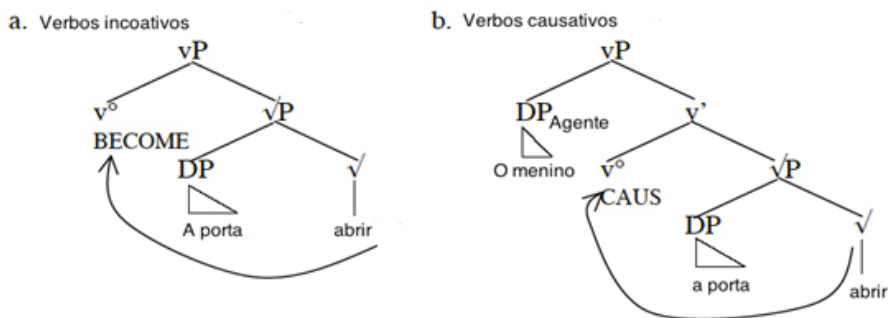
Nesse momento da descrição dos pressupostos básicos da HPSG, a teoria nos parece um pouco abstrata, porém, na próxima seção, serão descritas as regras de formação do ‘se’ incoativo e os princípios, que regem a arquitetura formal da HPSG, ficarão mais claros.

3. A ALTERNÂNCIA CAUSATIVA/INCOATIVA EM ESPANHOL, PORTUGUÊS BRASILEIRO E INGLÊS

Como explicitado na introdução, a instância de uso do clítico ‘se’ do espanhol contemplada neste artigo refere-se ao que participa da alternância causativa, uma variação de verbos inacusativos, que tipicamente envolve mudança de estado, e cuja contraparte incoativa é marcada pelo pronome ‘se’ em espanhol, sendo esse elemento ausente em PB e em inglês como em (6):

6.	Contraparte Causativa	Contraparte Incoativa
	a. El hombre abrió la puerta (Espanhol)	La puerta se abrió.
	b. O homem abriu a porta. (PB)	A porta se abriu.
	c. The man opened the door. (Inglês)	The door opened.

Considerando a configuração sintática dos verbos inacusativos, Borer (2005) propõe uma análise exoesquelética para a representação da alternância causativa, em que a diferença das duas contrapartes acima explicitadas seria caracterizada através de dois tipos de *flavors* ‘sabores’ de um v (vezinho), como também proposto por Hale & Keyser (1993, 2002), Marantz (1997) e Harley (2006). Seguindo essa teoria, a diferença fundamental entre as construções causativas e as incoativas residiria na natureza do núcleo do vezinho (v): o v incoativo não projetaria um argumento externo e teria o valor BECOME (tornar-se), enquanto que o v causativo projetaria um argumento externo, possuindo o valor CAUSE (causar), representados na figura (1):



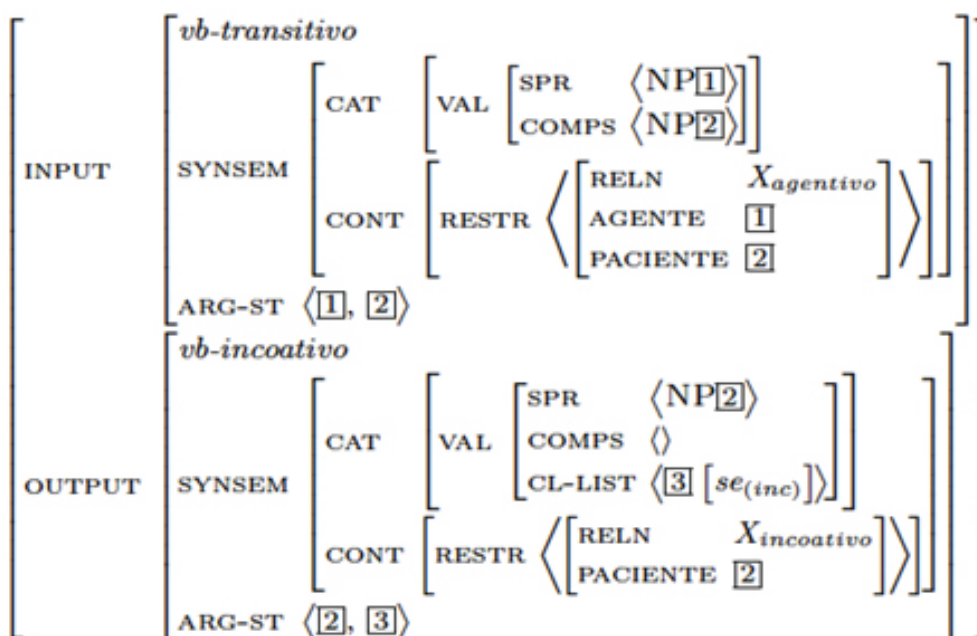
(cf. Harley, 2006:27)

Outras análises para a alternância causativa são oferecidas por autores como: Levin & Rappaport-Hovav (1995), que propõem uma alternativa endoesqueletal de interpretação do fenômeno, assim como Montrul (1999), que segue a mesma linha analítica. Contudo, tais discussões fogem do escopo deste artigo.

3.1 A análise do ‘se’ incoativo seguindo a HPSG

Apresentamos, nesta seção, como a Teoria de Gramáticas Múltiplas de Amaral & Roeper (2014) irá detalhar a configuração dos verbos causativos de mudança de estado, que apresentam uma contraparte intransitiva, através de suas matrizes de atributo-valor, utilizando o aporte descritivo da HPSG, que foi resumidamente apresentado na seção 2.2. O núcleo representacional das gramáticas humanas, segundo a GM, se pauta na idealização de que toda língua-I é composta de subgramáticas, com regras múltiplas simples, sendo que a variação linguística está alocada na produtividade de cada regra, definida a partir da abrangência lexical das categorias existentes nessa propriedade.

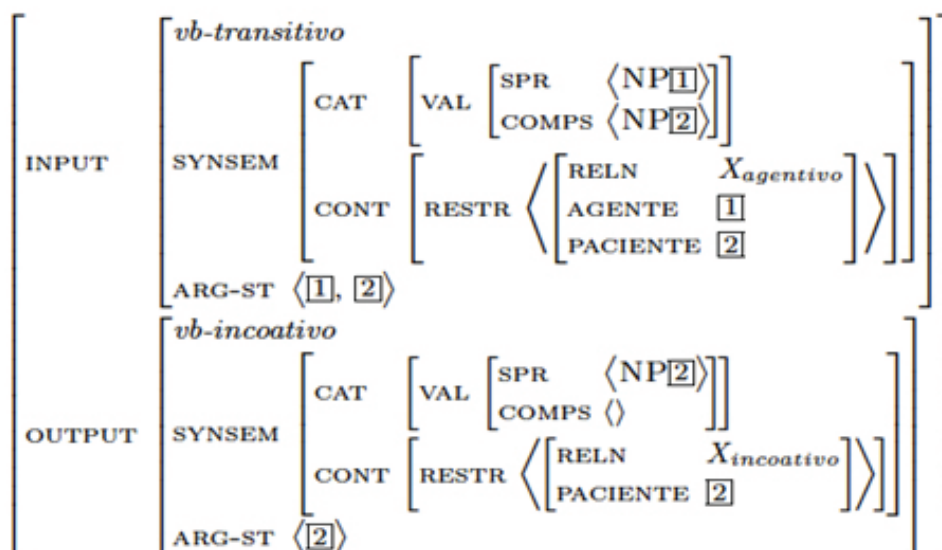
Notamos no exemplo (6), anteriormente citado, que as características sintático-semânticas da parte transitiva da alternância causativa se mostram bem próximas nas três línguas analisadas. A diferença de configuração se efetua na contraparte incoativa desses verbos em que o espanhol apresenta o clítico ‘se’, que é gerado a partir de uma regra derivacional de formação da sentença incoativa. Essa regra, utilizada para gerar um lexema de um verbo incoativo a partir de um verbo transitivo, que será apresentada na figura (2), existe tanto em espanhol como em português. Em espanhol, ela é extremamente produtiva e obrigatória, uma vez que as sentenças incoativas exigem a presença do clítico. Já em PB, ela é menos produtiva e seu uso está condicionado a variações dialetais.



Legenda	
INPUT vb-transitivo	Entrada da regra é um verbo transitivo
OUTPUT vb-incoativo	Saída da regra (forma um verbo incoativo)
SYNSEM	Descrição sintático-semântica do verbo analisado
CAT	Categoria
VAL	Valência
SPR	Especificador (argumento externo)
COMPS	Complemento (argumento interno)
CONT	Conteúdo
RESTR	Restrições semânticas
RELN	Relação entre objetos
AGR-ST	Lista de argumentos do verbo
CL-LIST	Lista de clíticos

Para que se compreenda a descrição da regra derivacional da figura (2) deve-se observar a entrada lexical de um verbo causativo, como ‘abrir’, em sua forma de entrada transitiva *vb-transitivo* e em sua forma incoativa gerada (*vb-incoativo*). A regra derivacional mostra alguns atributos básicos: a dimensão SYNSEM, em que CAT e VAL analisam os argumentos do verbo, enquanto que CONT (conteúdo) apresenta suas RESTR (restrições) semânticas. Já AGR-ST representa o número de argumentos do verbo em questão. A diferença principal entre as duas construções está na descrição de suas propriedades sintáticas em CAT, em que para o ‘vb-transitivo’ há dois complementos do verbo, um especificador (SPR), que busca um sintagma nominal como complemento (<NP 1>), e um complemento (COMPS), que também busca um sintagma nominal <NP 2>. Enquanto que na entrada de um ‘vb-incoativo’, na parte da VAL, há apenas um complemento do verbo presente (SPR <NP 2>), que muda de função sintática: em sua forma transitiva o elemento de tag 2 (<NP 2>) era o argumento interno do verbo, seu objeto, já em sua forma intransitiva ele passa a sujeito do verbo. Há ainda a presença do clítico ‘se’ (CL-LIST <3 [se (inc)]>), que faz parte da lista de argumentos do verbo, descrita em (ARG-ST <2, 3>). Na descrição das propriedades semânticas em CONT, o ‘vb-transitivo’ impõe certas restrições semânticas (RESTR) ao elemento descrito: indica uma relação transitiva entre um verbo X agentivo (RELN X_{agentivo}), que tem como argumentos um agente (AGENTE 1) e um paciente (PACIENTE 2), ambos contidos na lista de argumentos do verbo. Já em sua forma incoativa, o ‘vb-incoativo’ em CONT impõe certas restrições semânticas (RESTR) ao elemento descrito: indica uma relação intransitiva entre um verbo X incoativo (RELN X_{incoativo}), que tem como único argumento um paciente (PACIENTE 2), contido na lista de argumentos do verbo, junto com o clítico ‘se’, marcador incoativo em AGR-ST.

Já na regra derivacional descrita na figura (3), que gera as variações dos verbos em português (extremamente produtiva) e inglês (única regra existente na língua), a contraparte incoativa vb-incoativo não apresenta uma marca clítica:



A regra derivacional ilustrada em (3) é mais simplificada que a da figura (2), por não contemplar a presença de um clítico. Assim, a principal diferença entre as duas regras derivacionais é que na figura (3), nas propriedades sintáticas em CAT para um ‘vb-incoativo’, na parte da VAL, NÃO há a presença do clítico ‘se’ (CL-LIST <3 [se (inc)]>), existente na figura (2), gerando uma lista de argumentos do verbo com apenas um argumento representado pela tag 2, descrita em (ARG-ST <2>).

Analisando a variação linguística entre o espanhol, em relação ao português e ao inglês, no caso do clítico ‘se’ incoativo, sob o prisma da GM e da HPSG, notamos que a diferença entre essas línguas reside nas regras derivacionais que geram lexemas incoativos a partir de lexemas transitivos. Nesse contexto, há, ainda, uma diferença de tarefa no processo de aquisição dos usos do clítico ‘se’ incoativo em espanhol por falantes de PB e de inglês: os primeiros possuem tanto a regra descrita em (2), porém com um valor idiossincrático, como a regra descrita em (3), com valor altamente produtivo. Assim, no processo de aquisição dessa instância do ‘se’ em espanhol, os falantes de PB têm de mapear a regra da figura (2) como produtiva na sua interlíngua do espanhol e, ao mesmo tempo, têm de bloquear a produtividade da regra da figura (3), que não prevê o uso do clítico, para evitar uma interferência negativa de sua L1 na análise e uso da L2. Já os segundos, os falantes de inglês, têm de adquirir a regra derivacional da figura (2), que é produtiva e obrigatória no espanhol e prevê a presença do ‘se’, e, ao mesmo tempo, bloquear a regra da figura (3), que é padrão de sua L1.

Para verificar o comportamento dos aprendizes avançados de espanhol (L2), falantes de PB e de inglês, propomos um experimento de julgamento de aceitabilidade com *input* auditivo em espanhol, manipulando-se frases incoativas com a presença e a ausência do marcador incoativo ‘se’, sendo essa última condição considerada agramatical em espanhol.

3.2 Estudos anteriores na aquisição das causativas lexicais em L2

Os estudos reportados nesta seção demonstram haver poucas referências de autores que abordam a alternância causativa/incoativa e analisam a aquisição ou o processamento do clítico ‘se’ incoativo em espanhol como L2. Podemos citar como exemplo de pesquisa, que explora o tema da alternância causativa, o trabalho de Maia (2012) que demonstrou, através de um experimento psicolinguístico,

que falantes monolíngues de português brasileiro rejeitam sentenças incoativas com o pronome clítico ‘se’, uma marca morfológica que está em desuso em alguns dialetos do Brasil, o que corrobora a análise proposta neste artigo, que apresenta o ‘se’ incoativo como uma marca pouco produtiva no PB. Outro trabalho que analisa o mesmo fenômeno aqui reportado é o de Maia, Costa & Santos (2011) que compararam as preferências entre falantes de PB e de português europeu (PE), em um experimento de julgamento de gramaticalidade, na avaliação de sentenças incoativas com e sem a marca clítica, e demonstraram que os falantes de PE preferem sentenças incoativas com a presença do ‘se’, enquanto que os falantes de PB optam pelas incoativas sem marcação morfológica.

Outros estudos no campo de aquisição do espanhol como L2 analisaram diferentes tipos de verbos causativos, focalizando a generalização de regras de classificação das causativas em espanhol (L2), como o de Cabrera & Zubizarretta (2003), que investigaram a habilidade de falantes de inglês (L1) em discernir entre verbos inergativos/inacusativos não alternantes. A partir da análise dos resultados, as autoras concluíram que os aprendizes apresentam maior generalização em contextos com verbos inacusativos, do que com inergativos, convergindo para uma possível transferência de padrões do inglês para a L2. Outros trabalhos abordaram o tema das causativas na aquisição de L2, como os de Montrul (1997, 1999, 2001), porém, fogem do escopo deste artigo. Citamos esses exemplos de estudo na área de aquisição de causativas em espanhol como L2 para ilustrar a escassez de pesquisas que tenham como foco a aquisição de verbos causativos alternantes, como os analisado neste artigo.

4. O EXPERIMENTO DE JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE COM *INPUT* AUDITIVO COM O ‘SE’ INCOATIVO

Este experimento teve como objetivo examinar como falantes adultos de duas línguas tipologicamente distintas entre si – PB e inglês – julgam a aceitabilidade de sentenças transitivas e incoativas em espanhol como segunda língua, manipulando-se a presença e a ausência do marcador morfológico incoativo ‘se’.

Partimos da hipótese de trabalho de que há distinções entre as gramáticas de L2, quando comparadas à gramática nativa de espanhol, sensíveis ao fato de a primeira língua ser configuracionalmente mais próxima, como é o caso do português, ou mais distante, como é o inglês, fato que influencia a habilidade de os aprendizes de L2 modificarem a classificação de produtividade de uma dada propriedade em sua interlíngua.

O experimento foi idealizado com 16 frases experimentais divididas em quatro condições etiquetadas da seguinte forma: IN – sentença incoativa sem o clítico “se” agramatical em espanhol, como em **La flecha rompió* (A flecha quebrou); SE – sentença incoativa com o pronome “se”, como em *La flecha se rompió* (A flecha se quebrou); TA – sentença transitiva com sujeito animado (controle), como em *El chico rompió la flecha* (O menino quebrou a flecha); TI – sentença transitiva com sujeito inanimado (controle), como em *La piedra rompió la flecha* (A pedra quebrou a flecha.). A condição TI serviu para controlar um efeito de typicalidade da posição de sujeito, tipicamente agentivo. Todas as 16 sentenças, nas quatro condições, foram randomizadas com outras 32 sentenças distratoras e distribuídas em um Quadrado Latino.

Participaram deste experimento, que se configurou em um *design* intrassujeitos (*within subjects*): 16 falantes nativos de português brasileiro, alunos graduados em Letras – espanhol, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e aprendizes avançados de espanhol; 16 falantes nativos de inglês, aprendizes avançados de espanhol e estudantes de cursos de graduação da Universidade de Massachusetts (UMass); e 16 falantes nativos de espanhol de diferentes nacionalidades, que formaram o grupo controle.

Os participantes foram individualmente testados em um computador Apple por meio do programa *Psyscope* (cf. Cohen et alii, 1993), para coletar os índices de aceitabilidade/rejeição das condições testadas. Ao pressionar uma tecla, os sujeitos escutavam uma frase lida por uma falante nativa de espanhol e, logo depois, tinham que decidir se a frase ouvida era bem ou mal formada, segundo os padrões do espanhol, pressionando duas teclas distintas no computador.

O experimento apresentou como variáveis independentes o clítico ‘se’ (ausência/presença) e os grupos (controle/PB/inglês) e como variáveis dependentes os índices e os tempos de decisão (medida *off-line*).

Previmos que o grupo controle (espanhol L1) demonstraria índices altos de aceitação da condição com o pronome ‘se’ (SE) e índices igualmente altos de rejeição das sentenças sem marca morfológica (IN), já que essas sentenças são agramaticais em espanhol.

Para os grupos de falantes de PB e de inglês (L1), aprendizes avançados de espanhol (L2), esperavam-se índices de rejeição significativos da condição SE e índices altos de aceitação da condição IN, sem marca morfológica – ao contrario do grupo controle -, se os falantes transferirem padrões de sua L1 no julgamento das sentenças. Contudo, se houvesse reestruturação de sua interlíngua nesse estágio, em que já foram expostos a uma maior quantidade de *input* da L2, apresentariam resultados similares aos do grupo controle: com aceitação da condição SE e rejeição da condição IN.

Esperávamos ainda diferenças no padrão de julgamento dos falantes de espanhol como L2, devido à proximidade configuracional que o português apresenta em relação ao espanhol e a distancia das duas línguas em relação ao inglês.

4.1 Resultados

Ao analisar os resultados deste experimento, optamos por mostrar os dois gráficos mais importantes para os propósitos deste artigo. O primeiro deles compara os índices de aceitação (respostas ‘sim’) da condição com a presença do clítico ‘se’ (condição SE) com os índices de rejeição da condição sem o clítico ‘se’ (condição IN), respostas ‘não’ (julgamento como não aceitadas), pelos três grupos. Cruzamos, assim, as seguintes condições: *La flecha se rompió* X **La flecha rompió*.

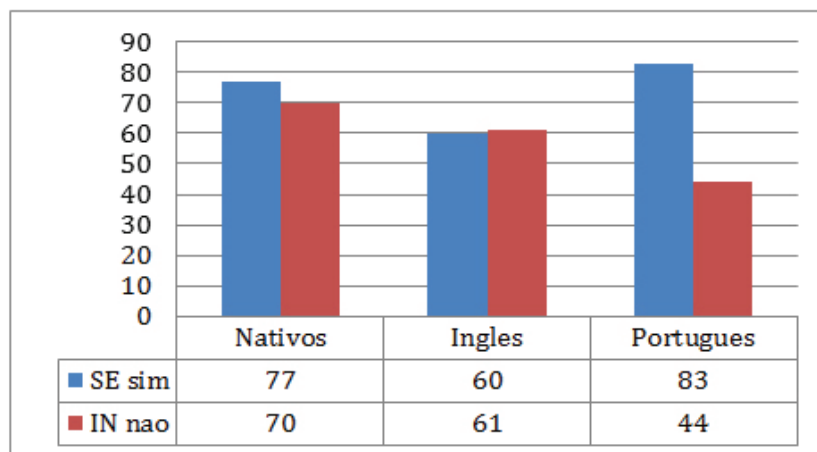


Gráfico 1: Índices de aceitação da condição SE e de rejeição da condição IN

O teste qui-quadrado comparando os índices de aceitação da condição com o clítico ‘se’, respostas sim, com os de rejeição da condição IN, respostas não (julgamento como agramatical), pelos três grupos, mostrou significância ($X^2=7,28$, $p=0.02$). O teste qui-quadrado, comparando os índices de aceitação (respostas ‘sim’) e os de rejeição (respostas ‘não’), das condições SE e IN, em cada grupo, mostrou significância e os seguintes resultados: no grupo de falantes nativos ($X^2=44,4$, $p=0.0001$), no de falantes de inglês-L1 ($X^2=8,82$, $p=0.003$) e no grupo de falantes de português-L1 ($X^2=17,2$, $p=0.0001$).

O segundo gráfico mostra os tempos de decisão dos sujeitos nas sentenças na condição com a presença do clítico ‘se’ incoativo contrastada com as sentenças na condição sem marca incoativa (condição IN anterior), agramatical em espanhol.

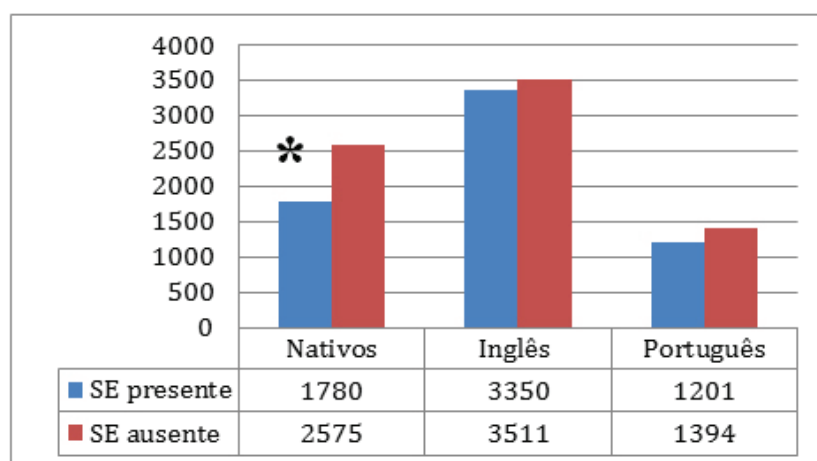


Gráfico 2: Tempos de decisão dos sujeitos nas condições com e sem o clítico

O Test-t para o grupo de falantes nativos de espanhol mostrou uma diferença significativa entre os tempos de decisão nas condições com e sem o clítico ‘se’ (PAIRED $t(15)=2.87$ $p<0.0117$), com índices mais rápidos de decisão na condição com o pronome, padrão do espanhol, em comparação

com orações sem qualquer marca, agramatical em espanhol. Tanto o grupo de falantes de inglês quanto o grupo de falantes de português mostraram tempos de decisão mais rápidos na condição com a presença do ‘se’, porém, tais diferenças não foram estatisticamente significativas (inglês: PAIRED $t(15)=0.35$ $p < 0.7309$; português: PAIRED $t(15)=1.41$ $p < 0.1785$). Uma ANOVA bivariada cruzando os fatores grupo e marca incoativa, ou seja, as condições com e sem marca pelos três grupos, mostrou uma diferença altamente significativa em relação aos grupos ($F(2,45) = 8.52$ $p < 0.0007$) e em relação à marca incoativa ($F(1,45) = 4.33$ $p < 0.04$). Não houve efeito de interação entre os grupos vs. marca incoativa ($F(2,45) = 1.26$ $p < 0.293974$). O Test-t da análise por itens em relação aos grupos nas condições com e sem a presença do ‘se’ não se mostrou estatisticamente relevante, nem para o grupo de falantes nativos (PAIRED $t(15)=1.15$ $p < 0.2665$), nem para os falantes de inglês (PAIRED $t(15)=0.21$ $p < 0.8348$) ou de português como L1 (PAIRED $t(15)=0.88$ $p < 0.3912$). Uma ANOVA bivariada analisando os itens em relação aos grupos e à marca incoativa mostrou efeito significativo apenas em relação ao fator grupo ($F(2,45) = 19.1$ $p < 0.000001$).

4.2 Discussão

O presente experimento oferece um argumento favorável à Teoria de Gramáticas Múltiplas, no que concerne a questão da tipologia linguística como elemento crucial na facilitação ou não da habilidade dos aprendizes de uma L2 de modificar sua classificação acerca da produtividade de uma dada regra (Amaral & Roeper, 2014, p.30). De acordo com os pressupostos da GM, a tarefa de um aprendiz de espanhol como L2, que tenha o inglês ou o português como L1, será similar a de uma criança adquirindo a língua materna, incorporando múltiplas subgramáticas a sua ‘gramática’ da L1, para acomodar as contradições presentes no *input* recebido. Ainda seguindo as ideias da GM, com o aporte descritivo da HPSG, a variação linguística está condicionada às múltiplas regras derivacionais simples, que formam lexemas de verbos incoativos a partir de verbos transitivos, como ilustrado na figura 2 da seção 3, sendo esta a regra que deve ser incorporada como produtiva pelos falantes de português e de inglês em seu processo de aquisição do espanhol como L2.

Observando a tarefa dos aprendizes de espanhol como L2, que têm o português e o inglês como L1, podemos afirmar, a partir dos resultados apresentados no gráfico (1), que ambos os grupos adquiriram a regra derivacional do espanhol?

O grupo de falantes nativos de espanhol confirmou nossas previsões nos resultados apresentados no gráfico (1), que contrastou a aceitação da condição das frases como o ‘se’ (condição SE sim) com a rejeição de frases sem o ‘se’ (condição IN não): os falantes de espanhol são consistentes no julgamento da produtividade da regra derivacional em sua gramática de L1 (figura 2) aceitando 77% frases incoativas com o pronome ‘se’, por ser essa a regra derivacional que forma lexemas incoativos a partir de lexemas transitivos em sua gramática monolíngue. Já na condição *IN do experimento (‘se’ ausente), observamos que o grupo controle também confirmou nossas previsões, rejeitando 70% frases incoativas sem marcação incoativa, por não ser essa a regra derivacional que forma lexemas incoativos a partir de verbos transitivos. Houve, inclusive, diferença significativa nos tempos de decisão das frases com o ‘se’, lidas mais rapidamente, com 1780ms –, em comparação com frases sem o marcador incoativo, que levaram mais tempo, 2575ms, para serem decididas, no teste-t por sujeitos (PAIRED $t(15)=2.87$ $p < 0.0117$), como ilustrado no gráfico (2), indicando um estranhamento dos sujeitos na tentativa de processamento de frases incoativas sem o ‘se’.

E os falantes de português e de inglês apresentaram o mesmo padrão de julgamento dos falantes nativos de espanhol? Podemos afirmar que incorporaram a regra derivacional do espanhol em sua interlíngua?

Recapitulando a tarefa dos falantes de português e de inglês no processo de aquisição da regra derivacional de formação de lexemas incoativos, a partir de lexemas transitivos:

(i) Os falantes de português devem incorporar a produtividade da regra do espanhol, figura (2), e bloquear a produtividade da regra de sua L1, figura (3), como demonstrado abaixo. Isto é, na análise do gráfico (1) devem aceitar frases com o ‘se’ (condição SEsim) e devem rejeitar frases sem o ‘se’ (condição INnao).

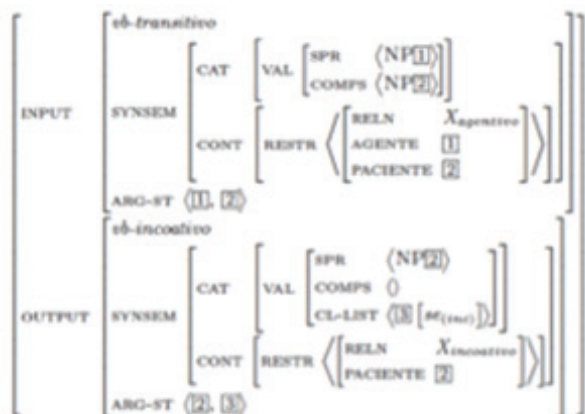


Figura 2: Regra Derivacional do Espanhol

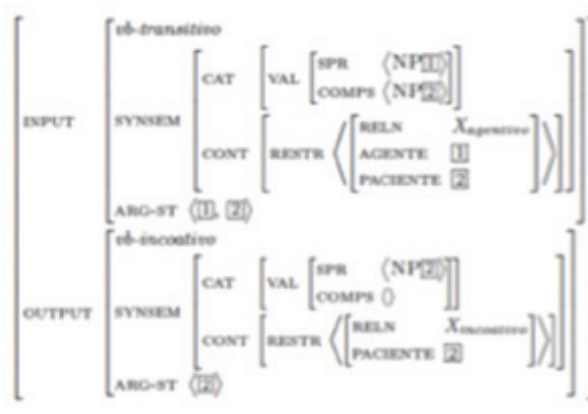


Figura 3: Regra Derivacional do Português

O grupo de falantes nativos de português brasileiro aprendizes avançados de espanhol (L2) apresentou um resultado diferente em relação ao grupo de falantes nativos de espanhol e ao grupo de falantes de inglês. Aceitam 83% das sentenças incoativas com o pronome ‘se’, mostrando que incorporaram a produtividade da regra derivacional de formação de lexemas incoativos a partir de lexemas transitivos, padrão do espanhol em sua interlíngua (figura 2), com uma precisão até maior que a dos falantes nativos de espanhol, que as julgaram corretas 77% das vezes. Porém, parecem ter dificuldade em rejeitar sentenças na condição sem o clítico, 44% das vezes. Isso sugere que eles demonstram ter reestruturado sua interlíngua, utilizando a regra derivacional do espanhol para julgar como gramaticais sentenças com o pronome ‘se’. Ao mesmo tempo, têm dificuldade de bloquear a regra derivacional de não marcação de seu dialeto do PB (figura 3), transferindo-a negativamente por aceitarem 56% das sentenças na condição sem o clítico, considerada agramatical pelos falantes nativos de espanhol. Eles exibiram um padrão de julgamento parecido com o mostrado abaixo:



Figura 2: Regra Derivacional do Espanhol



Figura 3: Regra Derivacional do Português

(ii) Os falantes de inglês têm de adquirir a regra derivacional do espanhol, figura (2), e bloquear o uso da regra derivacional do inglês, figura (3), como demonstrado abaixo. Isto é, na análise do gráfico (1) devem aceitar frases com o 'se' (condição SE sim) e devem rejeitar frases sem o 'se' (condição IN nao).



Figura 2: Regra Derivacional do Espanhol



Figura 3: Regra Derivacional do Inglês

Observando os resultados apresentados no gráfico (1), podemos afirmar que os falantes de inglês parecem ter aplicado o mesmo padrão consistente de julgamento do grupo de falantes nativos de espanhol: houve uma aceitação de 60% da condição com o pronome 'se', e uma rejeição de 61% da condição sem o clítico, mesmo com menor precisão que a exposta pelos falantes nativos de espanhol, em 17% a menos para aceitar a condição com o clítico e 9% a menos para recusar a condição sem o clítico, o que pode indicar a tendência a uma maior opcionalidade em sua interlíngua, fato característico das gramáticas de L2, mesmo em um estágio mais estável. Ao se comportarem de maneira semelhante a do grupo controle, podemos afirmar que os falantes de inglês parecem ter adquirido a regra derivacional, que gera os lexemas incoativos a partir de lexemas transitivos do espanhol, que pressupõe a presença de um clítico 'se', a regra da figura (2) e, ao mesmo tempo, bloqueado a regra da figura (3), sem o clítico. Dessa forma, os resultados apontam que não houve transferência negativa do padrão de não marcação de frases incoativas do inglês L1 para o espanhol L2. Além disso, parecem demonstrar que, uma vez adquirido o uso do 'se' como um marcador incoativo pelos falantes de inglês aprendizes avançados de espanhol, eles parecem bloquear mais facilmente a produtividade da regra de sua L1, que não requer a presença de qualquer marca, apresentando o seguinte padrão:

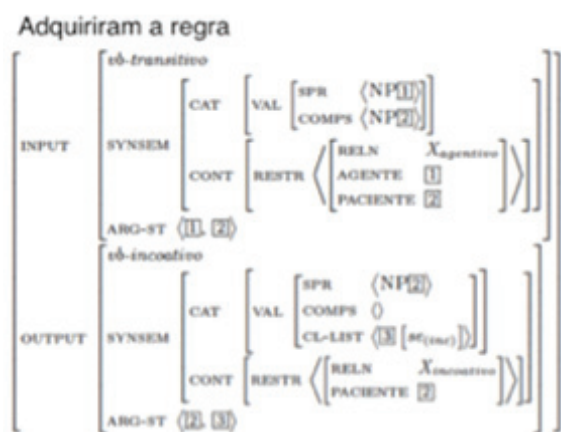


Figura 2: Regra Derivacional do Espanhol



Figura 3: Regra Derivacional do Inglês

Como explicar o comportamento distinto entre os dois grupos de aprendizes avançados de espanhol?

Podemos responder a essa pergunta partindo de nossa hipótese de trabalho de que há distinções entre as gramáticas nativa e de segunda língua as quais seriam sensíveis ao fato de a primeira língua ser configuracionalmente mais próxima, como é o caso do português, ou mais distante, como é o inglês. Esse fato influi na habilidade de os falantes de L2 modificarem a classificação de produtividade de uma dada regra em sua interlíngua. A tarefa dos falantes de português parece ser aparentemente, a princípio, mais fácil que a do falantes de inglês, em relação ao ‘se’ incoativo em espanhol, uma vez que têm de transformar a regra da figura (2) na regra produtiva e, ao mesmo tempo, bloquear a produtividade que a regra da figura (3) tem em sua L1, para que não interfira de maneira negativa em sua L2, enquanto que os falantes de inglês têm de adquirir a regra da figura (2) e bloquear a da figura (3). Contudo, esse processo de bloqueio de regras parece ser mais custoso para os falantes de português, devido à proximidade com o espanhol e à maior opcionalidade que apresentam em sua L1, com um compartilhamento maior de traços entre as duas línguas. Amaral & Roeper (2014, p.30) afirmam que o nosso estudo utiliza o construto teórico da Teoria de Gramáticas Múltiplas como um exemplo da tipologia linguística intervindo na forma como os aprendizes classificam a produtividade de suas subgramáticas.

5. CONCLUSÕES

Este artigo buscou contribuir com dados empíricos para a pesquisa formalista em aquisição de segunda língua, com o arcabouço experimental da psicolinguística, tendo como ponto central verificar o papel da tipologia linguística na análise e na aquisição do uso do pronome clítico ‘se’ incoativo em espanhol como L2, na interlíngua de falantes de português brasileiro e de inglês como L1. A representação linguística dos aprendizes de espanhol foi analisada à luz da Teoria de Gramáticas Múltiplas, de Amaral & Roeper (2014), utilizando-se o modelo descritivo formal de base lexicalista, a HPSG, de Pollard & Sag (1987), com o objetivo de não só descrever formalmente os traços envolvidos no tipo de estrutura analisada, assim como explicar onde está a variação linguística e as chamadas gramáticas múltiplas, de que trata a GM.

A partir da observação do experimento realizado, procuramos apresentar evidências em favor de que a interlíngua dos aprendizes avançados de espanhol, que possuem a L1 português ou inglês, é

diferente e mais propícia à opcionalidade (Amaral & Roeper, 2014) na aplicação de regras, quando comparada à gramática de falantes nativos de espanhol. Os resultados do experimento de julgamento de aceitabilidade com *input* auditivo com o ‘se’ inchoativo corroboram nossa hipótese de que há, de fato, diferenças entre as gramáticas nativa e de L2, que seriam sensíveis ao fato de a primeira língua ser tipologicamente mais próxima, como é o caso do português, ou mais distante, como é o inglês, fato que induziu a habilidade de os falantes de L2 modificarem a classificação de produtividade de uma dada regra/traço em sua interlíngua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amaral, L. & Roeper, T. (2014). Multiple Grammars and Second Language Representation, *Second Language Research*, Vol. 30(1) 3–36.

Borer, H. (2005). *The normal course of events*. NY: Oxford University Press.

Cabrera, M.; Zubizarreta, M. L. (2003). On the acquisition of Spanish causative structures by L1 speakers of English. *Proceedings of the 2002 Generative Approaches to Second Language Acquisition (GASLA 6): L2 Links*. Somerville, MA: Cascadilla Press.

Cohen, J.; Macwhinney, B.; Flatt, M.; Provost, J. (1993). Psycopy: A new graphic interactive environment for designing psychology experiments. *Behavioral Research Methods, Instruments, and Computers*. 25(2), 257-271.

Chomsky, N. (1995). *The Minimalist Program*. MIT Press, Cambridge, MA.

D’albuquerque, A. C. R. C. (1982). A perda dos clíticos num dialeto mineiro. Tese de Doutorado, UFRJ.

Pollard, C. & Sag, I. (1987). *Information-Based Syntax and Semantics*. CSLI, Stanford: CA, volume 1.

Hale, K.; Keyser, S. J. (1993). On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. in Hale, K. & S.J. Keyser (eds.) *The view from building 20*, Cambridge University Press, Cambridge.

Hale, K.; Keyser, S. J. (2002). *Prolegomena to a theory of argument structure*. Cambridge, MA: MIT Press.

Harley, H. (2006). On the causative construction. *Handbook of Japanese Linguistics*, edited by Shigeru Miyagawa and Mamoru Saito. Oxford: OUP.

Haspelmath, M. (1993). More on the typology of inchoative/causative verb alternations. In B Comrie and M. Polinsky (eds) *Causatives and Transitivity*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 87-111.

Levin, B.; Rappaport Hovav, M. (1995) *Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Cambridge Mass: The MIT PRESS.

Maia, M. A. R. (2012). A aceitabilidade de estruturas causativas e anticausativas marcadas e não marcadas em Português brasileiro. In: Armanda Costa; Inês Duarte. (Org.). *Nada na linguagem lhe é estranho: homenagem a Isabel Hub Faria*. 1ed.Lisboa: Edições Afrontamento, v. , p. 553-563.

Maia, M.; Costa, M. A.; Santos, S. (2011). Processing the causative alternation in European and Brazilian Portuguese. *10th International Symposium of Psycholinguistics Donostia-San Sebastian: Espanha*.

Marantz, A. (1997). No escape from syntax: Don't try a morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: A.Dimitriadis, L. Siegel, et al., eds. University of Pennsylvania *Working Papers in Linguistics*, vol. 4.2, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, p. 201-225.

Montrul, S. (1997). Transitivity alternations in second language acquisition: A cross-linguistic study of English, Spanish and Turkish. Ph.D. dissertation, McGill University.

Montrul, S. (1999). Causative Errors with Unaccusative Verbs in L2 Spanish. *Second Language Research* 15, 2, 191-219.

Montrul, S. (2001). Causatives and Transitivity in L2 English. *Language Learning* 51, 1, 51-106.

Ribeiro, A. J. C. (2010). Good-Enough comprehension of Brazilian Portuguese Reflexive Absolute Verb sentences. In: Maia, M & França, A. I. *Papers in Psycholinguistics*. Rio de Janeiro: Inprinta.

Roeper, T. (1999). Universal bilingualism. *Bilingualism, Language and Cognition* 2, 169–186.

Schwartz, B.; Sprouse, R. (1996). L2 cognitive states and the full transfer/full access model. *Second Language Research* 12:40-72.

Truscott, J. (2006). Optionality in second language acquisition: A generative, processing-oriented account. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching (IRAL)* 44 (4), 311–330.

Recebido em: 12/04/2015

Aceito em: 19/04/2015